

As Meninas na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira¹

Fúlvia Rosemberg
Edith Piza²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO - Este texto trata das relações hierárquicas de gênero, raça e idade que estão na base da literatura infanto-juvenil, e que sustentam e são sustentadas pelos perfis de personagens femininas estereotipadas. Os estereótipos mudam à medida que novas articulações de gênero, raça e idade vão se tornando visíveis na sociedade; as personagens femininas são apresentadas em posições sociais diferentes, nas quais não poderiam estar no passado. As conclusões vão no sentido de existir uma interação no ato de escrever para crianças, na qual transforma-se o fazer literário do(a) autor(a) pelo aproveitamento simbólico de personagens femininas.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil; relação de gênero, de raça e de idade; estereótipo.

Girls in Brazilian Literature for Children and Youth

ABSTRACT - The female characters in Brazilian literature for children and youth are analysed considering gender, race, and generation hierarchies supporting, and supported by, the stereotypes of these characters. The stereotypes change according to new gender, race, and age links. As these social links become visible, the female characters are presented in different social positions where they could not be in the past. The conclusions point to an interaction in the act of writing for children, in which the writer is able to transform her/his work through symbolic changes in female characters.

Key words: literature for youth; gender, race and generation relationship; stereotype.

Objetivos

Este texto possui duplo objetivo: traçar perfis de personagens femininas na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea e instigar a reflexão sobre o intrincado e contraditório entrelaçamento de relações e hierarquias de gênero, raça e idade na construção de sujeitos históricos. Pretendemos evidenciar aqui, através desses perfis de diferentes épocas - anteriores e posteriores a 1975 - a inoperância do modelo aditivo para se entenderem essas hierarquias e as subalternidades decorrentes da não sincronia da história dos movimentos sociais e dos sujeitos históricos na construção do conhecimento³. As contradições a que nos referimos transparecem em uma certa produção dita feminista para crianças que se filia, em outros moldes, à tradição dos moralistas do século

XVI descrita por Ariès (1960). É entre o passado tradicional e o movimento renovador que propomos retratar uma tipologia da literatura infanto-juvenil brasileira evidenciando as tensões entre as dinâmicas liberação da infância e da liberdade da mulher. Complementarmente, procuramos evidenciar contradições de uma literatura juvenil que, ao procurar romper com os preconceitos moralistas, introduzindo o tema da sexualidade em textos para jovens, apoiam-se em estereótipos de gênero e de raça.

O material empírico que serviu de apoio a este texto foram duas pesquisas sobre literatura infanto-juvenil: uma extensa pesquisa cobrindo a produção do período de 1950-1975 que objetivou captar os modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira (Rosemberg, 1985); o projeto de doutoramento de autoria de Edith Piza, sob orientação de Fúlvia Rosemberg, sobre personagens femininas negras na literatura infanto-juvenil brasileira (Piza, 1990)⁴.

Estes dois trabalhos, em conjunto, cobrem a produção literária para crianças e jovens desde 1955 até a época atual. Apesar de se centrarem em objetivos específicos e se apoiarem em procedimentos diversos, ambos voltam o mesmo olhar para a literatura infanto-juvenil: procuram entender seu contexto de produção.

Os textos aqui analisados são vistos como informantes de processos sociais exteriores ao campo literário. Assim como McClelland (1961) em seu estudo *The Achieving Society*, utilizamos a literatura infanto-juvenil apenas como ponto de partida para a análise de dinâmicas e processos sociais sem

1 Este texto origina-se de um trabalho apresentado na Conferência Internacional sobre o Rosto da Mulher na Expansão Portuguesa, Lisboa, novembro, 1994.

2 Endereço: Rua Lisboa 1208 ap. 62, 05413-001 São Paulo SP.

3 O conceito de não sincronia foi discutido por Emily Hicks: "entendo o conceito de que os indivíduos ou grupos, em suas relações com o sistema político e social não compartilham a consciência a respeito do sistema ou necessidades similares no mesmo ponto" (Hicks, 1981, p. 221).

4 Na pesquisa de Fúlvia Rosemberg que cobriu o período de 1950-75, por analisar 165 livros e pelas características particulares da produção, foram usados procedimentos de análise de conteúdo do tipo quantitativo (Rosemberg, 1985); a pesquisa que está sendo realizada por Edith Piza (1990; 1995) privilegiou o estudo de caso para entender a produção de quatro escritoras brancas contemporâneas de textos para crianças e jovens.

lhes atribuir valor estético. De um modo mais restrito⁵, conceituamos a literatura infanto-juvenil como uma forma específica de comunicação historicamente determinada onde o emissor é o adulto e o receptor a criança. Assim conceituada por Marc Soriano (1975), a literatura infanto-juvenil pode ser situada no quadro mais amplo das relações entre categorias sociais que, por vezes, em determinados momentos históricos e sociedades ocupam posições hierarquicamente assimétricas: os adultos, emissores de comunicação, detêm o poder da palavra; às crianças receptoras, cabe o dever da escuta (ou leitura). Neste sentido, a literatura infanto-juvenil, por sua própria existência, não constitui apenas um agente do processo de socialização, mas participa da construção e concretização da própria infância como categoria social. Esta perspectiva de compreensão de leitura infanto-juvenil tem sido assinalada, também, em alguns estudos históricos quando evidenciam que esta forma literária se constitui como gênero específico concomitantemente à diferenciação social da infância como etapa específica da vida humana (Ariès, 1960).

A diferenciação de um gênero literário específico para a infância é tributária de posturas, então inovadoras, de pedagogos e moralistas que, ao final do século XV,

não mais toleram que se coloquem entre as mãos das crianças obras duvidosas. Nasce, então, a idéia do livro clássico expurgado a ser usado pelas crianças. Essa é uma etapa muito importante. É verdadeiramente quando se pode datar o respeito à infância. (Ariès, 1960, p. 113)

Esta nova concepção da infância é calcada na idéia de inocência, proteção e segregação, que se estende (e é construída) para (e por) as diferentes esferas da vida social, inclusive para (e pela) literatura. Até o final do século XVI, era muito difícil diferenciar os livros pedagógicos, de civilidades, destinados a adultos e crianças. Esta ambigüidade vai desaparecendo, porém, no transcorrer do século XVII, para ser definitivamente eliminada na segunda metade do século XVIII, com o surgimento de livros de civilidade "pueris e honestos". Agora, o tom é novo e o narrador dirige-se diretamente ao leitor: "A leitura desse livro não vos será inútil, minhas caras crianças, ela vos ensinará..." (cf. Ariès, p. 148).

Esta tradição da literatura infanto-juvenil - expurgada (principalmente no plano da sexualidade), edificante e pedagógica - constitui o veio principal da produção brasileira até meados do século XX. Mas sua análise subjacente e habitual dá conta, exclusivamente, de uma única dimensão: a constituição da infância. Ora, como têm observado alguns sociólogos da infância (Chariot, 1983), o processo da socialização é simultaneamente sincrônico e diacrônico: de um lado orienta os comportamentos infantis esperados hoje na relação com os adultos; de outro, prepara a infância de hoje para ocupar o nicho social que lhe é reservado por sua origem de classe, seu pertencimento racial e seu sexo.

A literatura infanto-juvenil e seus valores

Se a leitura infanto-juvenil (e a escolar) expurgou conteúdos que feriam a inocência da infância enquanto categoria etária, foi despidorada na transmissão de valores classistas, racistas e sexistas, preparando a criança leitora para a posição que ocuparia quando adulta, na hierarquia social, como evidenciam inúmeras pesquisas realizadas em vários países do mundo a partir das décadas de 60 e 70 (Negrão & Pinto, 1990).

Estas articulações e contradições na socialização da criança, enquanto classe de idade e na relação com o adulto hoje e enquanto adulto amanhã⁶, não parecem ter sido consideradas na análise do sexismo na literatura infanto-juvenil internacional. De um modo bastante freqüente, mesmo quando não explicitadas, as reflexões/denúncias sobre o sexismo (e o racismo) na literatura infanto-juvenil selecionam como foco de atenção o impacto do material impresso na formação de identidades (e papéis) de gênero (Negrão & Amado, 1989), deixando na penumbra as relações de idade, assumindo como paradigma homens e mulheres adultos.

O adultocentrismo não parece ser específico aos estudos sobre literatura infanto-juvenil mas, sim, contaminar a produção teórica feminista contemporânea sobre a construção da identidade de gênero. Se no campo das compreensões das articulações entre hierarquias de gênero, classe e raça (ou etnia) observa-se uma inquietação crescente e instigante (Essed, 1991), no plano das articulações com hierarquias de idade a produção é quase inexistente.

A categoria analítica *gênero* - introduzida principalmente pelas teóricas feministas anglo-saxônicas - ao desafiar a máxima essencialista de que a biologia é o destino, transcendendo o reducionismo biológico, interpretando as relações entre os homens e mulheres como formulações culturais resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais (Stolcke, 1991), parece ignorar as hierarquias de idade.

Assim, esse rompimento com os ditames biológicos acaba por restringir as classificações de gênero, apoiadas numa teoria do desenvolvimento que se escora em determinações biológicas se não compreende a infância fora do paradigma adulto. Evidenciamos essa crítica através do texto seminal de Gayle Rubin (1991), referência obrigatória nos estudos sobre gênero - *O Tráfico de Mulheres: Notas Sobre a 'Economia Política' do Sexo* - quando se refere à sexualidade infantil:

a vida sexual humana será sempre objeto de convenção e intervenções humanas. Não será nunca completamente natural, simplesmente porque nossa espécie é social, cultural e articulada. A profusão selvagem de sexualidade infantil será sempre abrandada. A confrontação entre crianças imaturas e desamparadas e o desenvolvimento da vida social dos adultos

5 Há porém distinções entre o valor heurístico atribuído por McClelland aos contos infantis e o que lhe atribuímos neste texto. McClelland atribui-lhe uma função projetiva extensiva à toda a cultura que o produziu e seu valor heurístico decorre da simplificação da mensagem.

6 Um dos aspectos levantados no extenso estudo de Rosenberg (1985).

deverá deixar, provavelmente, algum resíduo de distúrbio, mas os mecanismos e objetivos desse processo não necessitam independência da escolha consciente. A evolução cultural nos oferece a oportunidade de manter o controle dos meios de sexualidade, reprodução e socialização e tomar decisões conscientes para libertar a vida sexual humana das relações arcaicas que a deformam., (p. 27)

Outras teóricas feministas, como Carol Gilligan (1992), ao proporem modelos explicativos para as diferenças no desenvolvimento das identidades de gênero, apoiam-se em paradigma das teorias psicológicas genéticas que reconstroem o desenvolvimento humano, em especial o infantil, à luz do comportamento evidenciado pelo adulto⁸. Este modelo de análise do desenvolvimento "a-historiciza" a infância, retirando-lhe seu poder de transformação social para além dos modelos atuais ou utópicos de adultos vigentes na sociedade.

As dinâmicas de liberação: a infância e a mulher

Para um leitor menos afeito à história da literatura infanto-juvenil brasileira, é importante lembrar que o período referido neste texto conheceu grandes transformações em todo circuito de criação, produção e distribuição (consumo) de livros para crianças e jovens. Tributária e participando de um período histórico conturbado, rico e complexo no plano político, social e literário, a literatura infanto-juvenil brasileira conheceu, entre as décadas de 70 e 80 uma renovação notável. Mantendo uma intensa destinação pedagógica (O Estado brasileiro constitui o grande comprador de livros infanto-juvenis para distribuir nas escolas), a literatura infanto-juvenil no período não só evidencia aumento e diversidade espetaculares da produção, mas também uma trajetória ideológica de aproximação com a literatura "não infantil" (Zilberman & Lajolo, 1987, p.176).

Abordamos aqui uma tipologia de produção de literatura para jovens que pode ser encontrada a partir de 1950:

1. *Literatura pedagógica e mulheres tradicionais*. Personagens femininos criados à imagem e semelhança dos estereótipos sexistas, assumindo o polo da passividade e domesticidade, convivem com representação de infância como futuro adulto.
2. *Literatura realista e novas mulheres brancas*. Personagens femininas brancas usadas para veicular teses feministas dos anos 70, evidenciando a incorporação mecânica do inverso dos estereótipos sexistas denunciados pelos estudos empíricos. Literatura à tese, como a anterior, que não desbarata, através do ato criador, as relações de subordinação adulto x criança.
3. *Mulheres negras como símbolo sexual*. Na trajetória de uma modernização da representação de infância e adolescência, o tema da sexualidade é introduzido na literatura infanto-juvenil brasileira através da mulher (menina, jovem e adulta) negra. A literatura infanto-juvenil, para romper com o estereótipo da "criança protegida", se apoia no estereótipo da sexualidade descontrolada da mulher negra, característico da literatura brasileira para adultos.

Literatura pedagógica e mulheres tradicionais

Neste primeiro grupo identificamos duas modalidades de narrativas aparentadas: a estorieta moralizante e o romance/novela para instruir divertindo.

A primeira modalidade, a *estorieta moralizante*, é paradigmática dessa tendência, cuja característica é um estado de indigência literária. Tais histórias identificam literatura infanto-juvenil com educação, elegendo o tema moral como supina excelência. O modelo de criança subjacente é o ser educável e domesticável e a função desta literatura é transformar o animal criança em adulto humano.

Este tipo de literatura veicula um modelo de relação adulto-criança centrado no poder adulto apoiado na desigualdade de conhecimento⁹. O ponto de vista da narrativa reflete bem o poder adulto sobre a criança: aqui o narrador é sempre adulto e a narrativa se faz na terceira pessoa. Através do narrador, o adulto se transforma em educador onipresente e onisciente.

Tais histórias se caracterizam pela idealização do universo e da humanidade. O cotidiano contraditório, as frustrações e os conflitos são banidos. O jovem leitor é protegido e tratado em menor. Não se permite que sua inocência e sensibilidade sejam ultrajadas e feridas. A criança não tem o direito de saber o que quer, mas apenas aquilo que o adulto considera bom ou digno que ela saiba. O conteúdo do livro é expurgado. É assim que certas informações lhe são negadas, como também certas curiosidades lhe são tolhidas. Certos porquês, omitidos e apagados. Problemas existenciais fundamentais - como a vida e a morte - não são discutidos.

A vida, sua origem, o amor, o sexo não transparecem nestas narrativas. O próprio contato físico é pouco freqüente. Nenhuma menção sobre o desejo, comportamentos sexuais, sensualidade adultas ou infantil. A morte constitui outro tabu. Existem mortos, e muitos, nesta literatura, mas apenas a morte a serviço da trama, aquela que elimina personagens indesejáveis, ou a morte como castigo e punição. Mas a morte necessária, visceral, dramática, existencial praticamente inexistente.

A literatura edificante por excelência é enfadonha, não possui dinâmica dramática. Porém, quando ao lado do bem atuam, de maneira controlada, as forças do mal, a idealização

7 [Tradução de E. Piza], grifo nosso. Neste trecho, aproximação entre infância e vida selvagem não só decorre do qualificativo "a profusão selvagem da sexualidade infantil", mas também da justaposição entre desenvolvimento (primeira parte do parágrafo) e desenvolvimento cultural (segunda parte do parágrafo), justaposição que, se omite um vínculo causal explícito, se apoia no isomorfismo, fazendo com que pelo menos ocorra uma associação com as teorias biológicas de que a ontogênese repete a filogênese: a imaturidade da sociedade humana (descontrole da sexualidade) se repete na imaturidade infantil.

8 Nesse caso, a leitura do desenvolvimento não parte de sua base, como ocorreria na construção de um sólido (como uma pirâmide, por exemplo), mas de seu vértice de maturidade, ponto em direção ao qual o progresso é inexoravelmente traçado.

9 A desigualdade do conhecimento emerge da própria estrutura narrativa que é de tipo demonstrativo, onde personagens, acontecimentos e contexto existem quase que exclusivamente para servir à tese subjacente.

pode ser mantida, a tensão é gerada, o interesse é criado, a demonstração da tese é feita e a moral é salva. E nesta ordem natural se constroem as naturais e harmoniosas hierarquias de gênero e raça: o homem branco detém o poder, é o representante da espécie; a mulher, pano de fundo, passiva. Em certa medida mulheres e crianças se aproximam; em certa medida se afastam. Ambas coadjuvantes, ambas com traços e atributos estereotipadamente marcados. Os exemplos aqui são as narrativas em torno de figuras históricas (Donato, 1967; 1971) ou as de "aventuras" (Mott, 1976).

Esta mesma representação tradicional de modelos de papéis sexuais se encontra na variante *romances para instruir divertindo*. Ao lado da *estorieta moralizante*, o Brasil conheceu, até a década de 70, uma produção de tipo novela/romance produzida dentro do modelo da escola nova (divertir instruindo), onde podemos perceber algumas mudanças no modelo de infância. Porém, o mesmo conservantismo transparece no foco educativo. É uma produção que tenta conciliar diversão-instrução e cujos autores evidenciam um perfil especial: apesar de historicamente pertencerem ao grupo anterior (idade e data de publicação das obras), dedicaram-se, ao lado do ofício de escritores para crianças e jovens, ao de escritores de ficção para adultos. Os exemplos mais marcantes são Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Luís Jardim, Raquel de Queiroz, Osman Lins e Clarice Lispector.

Este contato com a literatura adulta parece marcar essa produção infantil: a estrutura da narrativa não é demonstrativa, não há lugar para o tema moral ou para a tese. A grande maioria das histórias evoca o divertimento. A relação didática permanece, porém, não no plano estrutural, mas sim, no próprio conteúdo, que se vê evadido de ensinamento de palavras, conceitos e explicações. A relação emissor-receptor é mais próxima, pois o narrador, apesar de adulto, assume, por vezes, o papel de cúmplice de criança, protetor, tentando cativá-la e diminuir a distância que pudesse existir entre ambos¹⁰.

Tais recursos parecem indicar que neste grupo de estórias a criança é vista como aprendiz ativo e o adulto não é o educador autoritário. A aproximação do adulto em direção à criança adviria de um certo tipo de compromisso entre o passado e o presente, uma imersão em sua própria infância, trazendo deste mundo seus próprios heróis e acrescentando a ele a bonomia proveniente da idade associada à segurança do ofício de escritor (experiência vivida e literária). Esta possível imersão na própria infância como ponte de ligação recupera, também, modelos tradicionais de papéis sexuais. Assim é que até nos anos 70, seja ela moralizante ou "escolanovista", a literatura infanto-juvenil constitui excelente repertório de estereótipos sexuais.

Personagens delimitados atuam em espaços pré-determinados: ele fora, ela dentro ... do lar. De um modo geral, a família constitui tema de destaque na literatura infanto-juvenil, por sua presença e atuação muitas vezes exaustivamente descrita, ou por ausência notável". No plano das

relações de gênero, a bibliografia especializada vem indicando, enfaticamente, que à mulher é imputado um papel proeminente na família, sendo-lhe reservadas funções expressivas e domésticas, mesmo que sua participação no mercado de trabalho venha crescendo prodigiosamente nas últimas décadas.

Na literatura infanto-juvenil deste período é para a família e a casa que convergem os condicionamentos da menina e da mulher, e é através dela que se lhe constrói a expectativa da felicidade duradoura. A própria marca da individualidade do personagem, o nome pelo qual é designado, indica coerentemente a linha do estereótipo: as personagens femininas são mais freqüentemente que as masculinas denominadas através de sua função familiar e de sua condição de cônjuge - de filhas de Leo, passamos a irmãs de Pedro, mulheres de Sérgio, mães de André e avós de Asdrúbal; ao contrário, as personagens masculinas são, mais freqüentemente que as femininas, denominadas através de seu nome próprio e de sua profissão.

Da forma mais coerente possível, e seguindo totalmente a expectativa, as personagens femininas são descritas como tendo, mais freqüentemente que as masculinas, algum tipo de parentesco, inclusive alguma forma de relação conjugal. Isto não significa, porém, que a mulher seja o rei do lar. O privilégio masculino no seio da família aparece através da primogenitura. Na ilustração, este fato já havia sido notado na literatura infanto-juvenil norte-americana e jocosamente sintetizada pela expressão: "toda menina tem um irmão mais velho".

Talvez, na literatura brasileira do período analisado, a mais forte síndrome que tenha atacado meninas ilustradas seja a "catatonia observante". A cena se repete com ligeiras variações: o menino ativíssimo, de preferência trepado numa árvore, a menina, catatônica, olhando. Esta paralisia feminina desaparece, porém, na composição de personagens adultas que são, com bastante freqüência, descritas em afazeres domésticos; inversamente, personagens masculinas são principalmente descritas no exercício de sua atividade profissional. Quando as mulheres trabalham fora de casa, tanto no texto quanto na ilustração, exercem ocupações menos diferenciadas e menos valorizadas social e economicamente. Se o cargo mais freqüente para seres masculinos foi de "chefe supremo", para as mulheres foi o de empregada doméstica.

As ilustrações oferecem filigranas de tradução dos estereótipos sexistas. Por exemplo, os acessórios de que se revestem as personagens. Seja ela adulta ou criança, ser

10 Há um evidente escola-novismo nesta postura, com o autor fazendo papel ora de cúmplice, ora de contador de histórias, nunca impondo explicitamente uma autoridade que ele mantém até o final

11 Que se lembrem dos inúmeros atestados de óbito emitidos por autores europeus do século XIX e a produção maciça de órfãos enternecedores e "livres" que conseguiam viver sua aventura longe da tutela parental (alguns personagens da literatura francesa do Século XIX escrita para jovens talvez sejam os exemplos mais notáveis). Ou ainda, da substituição posterior desses assassinatos por férias (as férias perenes de Narizinho e Pedrinho no Sítio de Dona Benta), por viagens (a série *Três Escoteiros*, de Barros Jr., 1967), por situações de perda e fuga (as crianças perdidas na *A Mina de Ouro*, de Dupré, 1956).

humano, fantástica ou antropomorfizada, desde que mulher, será marcada pelo símbolo da feminilidade: o avental. Complementarmente, o apanágio das personagens masculinas são os acessórios bélicos. "Os tico-ticos mulheres e crianças começaram a chorar de medo. Os tico-ticos homens saíram para fora de espingarda em punho e começaram a dar tiros para o ar" (Veríssimo, 1975, p. 36). Paralisadas na infância, muradas na maturidade. Emolduradas sempre.

Integrando componentes de subordinação racial, meninas negras praticamente inexistem na literatura infanto-juvenil desse período, nem como protagonistas, nem como coadjuvantes da ação. Algumas personagens mulheres negras adultas hipertrofiam a função de cuidar do branco. E só com a entrada do realismo (final da década de 60) na literatura infanto-juvenil brasileira que algumas narrativas se constroem em torno de protagonistas negros.

O realismo

O segundo padrão de articulação de hierarquias de gênero, raça e idade na literatura infanto-juvenil brasileira se configura através da tendência realista, que evidencia um outro movimento de aproximação entre a produção adulta, a criança e o jovem leitor.

O suposto da literatura realista, de que o leitor possua um pré-conhecimento da realidade denunciada, tem decorrências complexas para a literatura infanto-juvenil no Brasil¹³. Agora, a relação adulto-criança subjacente a esta literatura é outra. Pela temática, pelo tipo de narrativa, pela estrutura até então vista para adultos, parte dela rompe com o conceito tradicional de literatura infantil ou juvenil, a tal ponto que a crítica, a opinião pública e mesmo o editor nem sempre a considera para crianças (ou jovens), mas para adultos ou todos.

É como se, a um certo nível, o jovem leitor fosse considerado um relativamente igual pelo criador, que o carrega para o mundo adulto. O personagem infantil é arrancado da "doce inocência", jogado no mundo dos conflitos, geralmente provocado pelo adulto, vivendo-os reflexivamente, como ser pensante. O conflito não é agido; a contradição é refletida e pensada. Note-se como as duas últimas tendências que procuram fazer a ponte adulto-criança lidam com a distância que os separa deste novo público leitor: o primeiro deixou a criança lá (na antiga infância) e o movimento de aproximação foi a nostalgia e a cumplicidade. A tendência realista trouxe a criança para cá (para o presente de uma nova infância), tratando-a como relativamente igual ao adulto. A movimentação política e social brasileira na virada dos anos 80 - fim do regime militar, ascensão dos movimentos sociais, inclusive os movimentos feminista e negro, crítica ao autoritarismo - instiga e se evidencia na literatura infanto-juvenil. A crítica dos modelos sexistas e racistas presentes na produção anterior (brasileira e internacional) vai sendo incorporada pela nova literatura infanto-juvenil. Temas tabu, como a morte e a sexualidade são agora parte desta produção.

É através dessa via que entram em cena novas meninas e personagens femininas: a combativa, feminista; a menina e adolescente sensual e sexualizada. Uma branca, outra negra.

A mulher branca e a sexualidade

A nova literatura infanto-juvenil brasileira dos anos 80 tematiza a nova mulher branca. Ao lado da crítica, foram surgindo modelos de literatura não-sexista, sob diversas formas: guias para a produção de livros, listas de livros recomendáveis, recuperação de contos folclóricos com modelos femininos mais vigorosos e adaptação de histórias tradicionais, alterando traços de personalidade de heróis e heroínas, que não mais se casam e nem têm muitos filhos. No entanto, esta produção alternativa de textos para crianças e jovens, revestiu-se, por vezes, de componentes grotescamente canhestros. A personagem feminina aparece aí como um rolo compressor, agressivo, hipercrítico, ultracompetidor - correspondendo, sem dúvida, à crítica primária contra a feminista (a mesma que queima sutiãs). Outras vezes, a incorporação da crítica à produção anterior foi mais epidérmica, fazendo irromper ora e vez, fora do tempo e do espaço, um discurso (no seu uso antigo) "igualitário", geralmente para conferir à mulher o direito ao trabalho profissional. O desalento progride, porém, quando se analisam certos livros ditos feministas: o resultado é uma construção em torno de algumas teses feministas até certo ponto igualitárias e antidiscriminatórias, mas que não atinge a totalidade do ato criador. Percebe-se apenas uma tentativa de ajustamento entre o novo e o velho, a transposição de um antimodelo de homem e de mulher às estruturas narrativas tradicionais, a incorporação mecânica do inverso dos estereótipos denunciados pelos estudos empíricos. O resultado é um só: livros missionários, dogmáticos, que nem sempre divergem, em sua armadura, das produções mais tradicionais.

Outra personagem feminina encontrada nessa literatura é a mãe, agora a mulher adulta em busca de sua libertação, e suas faces contraditórias. Mas, em *As Muitas Mães de Ariel* (Pinsky, 1980b) podemos ainda encontrar a mãe repressora, que impede a libertação da(o) Filha(o). São reflexos de mulheres da antiga geração, culpadas pela perpetuação de papéis tradicionais.

Personagens adolescentes brancas também despertam para a sexualidade. Melhor dizer, para a sensualidade. O mais freqüente é "discutirem a questão". O *Nosso Clube* (Mott, 1988) reúne um grupo de garotas entre a puberdade e adolescência; lêem e discutem *O Pequeno Príncipe*, falam de amor e namoro: "Agora, fala a sócia Tonica, que vai defender o não. Tonica se levantou e leu: 'Eu penso que uma menina

12 A questão foi trabalhada, no plano da crítica literária, por Regina Zilberman (1981) e Esmeralda V. Negrão (1988) que apontam como principais problemas: impossibilidade de esclarecer as causas das irregularidades denunciadas, sobretudo quando se trata de questões - sociais; uma certa paralisia advinda da exposição a conflitos insolúveis; a narrativa ainda se desenvolve sob o ponto de vista do adulto, evidenciando ainda ser um vínculo transmissor de valores (Negrão, 1988, pp. 66-67).

de 12 até 14 anos não deve namorar. Antes, porém, quero dizer que pedi a opinião de minha mãe. É bom ouvir a opinião das coroas, mesmo se a gente não aceita tudo o que falam" (p. 19).

Mesmo quando há questionamento da autoridade adulta sobre valores, adolescentes brancas no confronto com a sexualidade dominam sua expressão, no gesto e na fala. Em *Bisa Bia Bisa Bel* (Machado, 1985) encontramos o cruzamento de três mulheres em perspectivas históricas diferentes: uma neta e sua bisavó Beatriz, morta, e ela mesma, Isabel, no futuro, como bisavó da neta Beta. Isabel é questionadora dos valores. Marcela (a amiga) é a personagem contraste, representando a visão pequena burguesa.

Isabel oscila entre o papel de mulher frágil e desprotegida que fica à espera de que o cavalheiro lhe traga uma goiaba, e a mulher que 'vai à luta' e sobe no pé de goiaba em igualdade de condições com o homem. Na dúvida, sem saber se sairá vitoriosa, Isabel pensa que, se Sérgio não gostar dela como ela é, não vale a pena. Ele não merece o seu gostar. E então que ela ouve: '- Você é mesmo a menina mais legal que eu já conheci, não efeito essas bobonas por aí, que parece que vão quebrar à toa. Tem horas que eu tenho vontade de casar com você quando crescer. Pelo menos, assim, meus filhos não vão ter uma mãe chata, feito tantas que têm por aí'. (Khède, 1986, p.70)

A aprovação masculina (o meio de caminho entre o velho e o novo) fecha o ensinamento de um texto missionário onde o projeto amoroso de Isabel, no plano da fantasia masculina, respeita as regras institucionais. Isabel é branca. Adolescentes brancas transgridem no plano da fantasia, podem até mesmo se aproximar de uma iniciação, porém sua virgindade é resguardada pelo homem branco. *Iniciação* (Pinsky, 1980a) é o texto escolhido. Márcia, adolescente, de "cabelos lisos e finos", se enamora de Cláudio, professor de inglês. Ativa, Márcia segue Cláudio, escreve-lhe um poema.

O ônibus, ele diz. Tenho que pegar o primeiro porque tenho um compromisso. Um momento, eu digo, e seguro-lhe o braço. Ele procura, instintivamente se soltar. Mas a mão roça em mim, ele percebe que fico vermelha. - Um momento, o poema está aqui. Leve-o para casa. (p. 16-17)

Cláudio se esquiva. Alguns dias depois, Márcia ousa dizer-lhe "Cláudio... sabe... você é muito bonito, sabe?" (p. 27) e sai correndo. Finalmente consegue entregar o poema a Cláudio que o avalia. "Oi, Márcia, li o teu poema (ele está sorrindo)". A conversa posterior entre eles é feita em tom de cumplicidade, com o professor confessando seu desalento com a vida atual, mas mantendo a distância entre si e a menina, num gesto paternal. No ano seguinte eleja não dá mais aula naquela escola e Márcia tem que se defrontar com a frustração e com seu processo de mudança.

Este processo de crescimento, esboçado em *Iniciação* e em livros de outros(as) autores(as) brasileiro(as) contemporâneos(as) ganha dimensão literário-universal na consa-

grada obra de Lygia Bojunga Nunes. O rompimento literário da obra dessa autora com a tradição anterior poderia indicar a abertura de uma quarta forma de interação entre crianças e adultos mediada pelo texto. A ausência de outros exemplos que teriam trilhado esta via aconselha prudência. Por isto, ela é tratada aqui como uma possibilidade de ruptura e apenas mencionada. "É o conhecimento de que a realidade para a criança está no plano da fantasia que permite ao texto de Lygia Bojunga Nunes ter com ela uma total identificação" (Sandroni, 1987, p. 81). A presença do narrador-criança, a transposição simbólica do conflito, a prerrogativa da ação sobre o verbo são algumas marcas distintivas desses textos produzidos por uma mulher adulta tentando, e muitas vezes, pensamos nós, conseguindo falar com e não para ou sobre a criança.

No plano psicológico, a construção da identidade na infância se evidencia como moto da construção literária. A construção da identidade infantil se evidencia em várias obras de Lygia Bojunga Nunes: em *O Sofá Estampado* (Nunes, 1980), através de Vítor, o tatu, personagem antropomorfizado, "que busca sua identidade a partir de um mergulho na memória" (Khède, 1986, p. 61); em *A Bolsa Amarela* (Nunes, 1981), através de Raquel que tem três vontades guardadas na bolsa: crescer, ser menino e escritora. Mas é em *Corda Bamba* (Nunes, 1979) que encontramos o componente absolutamente inovador na articulação gênero e idade: a personagem Maria, menina, simboliza a infância universal. O impacto seria o mesmo de, no plano pictórico, contemplar uma Madona carregando ao colo uma menina Jesus (símbolo, no masculino ou no feminino, da eterna infância e de seus vínculos com a maternidade). Em cenário de circo, Maria, através da corda bamba, encontra o caminho para o inconsciente e "trabalha" (no sentido analítico) os fantasmas infantis mais terríveis: a morte dos pais e a culpa decorrente.

Mas a corda leva ainda ao futuro. As portas também estão abertas e mostram quartos vagos, cenários que cabe a Maria e só a ela preencher com a aventura de sua própria vida (...) soltando e buscando compreender seus sonhos, com o apoio dos amigos e contra aqueles que procuram mantê-la presa. (Sandroni, 1987, p. 125)

Texto e ilustração evidenciam que Maria é branca.

Mulheres negras como símbolo sexual

A literatura infanto-juvenil brasileira até a década de 80 praticamente ignorava personagens masculinas e femininas negras, que entravam no texto apenas como coadjuvantes, na perspectiva de um país que se quer branco. Falas abertas sobre preconceito e discriminação racial não são encontradas no período anterior a 1975, mas quando se penetra no avesso do texto lá encontramos tratamento diferenciado e discriminatório a personagens negros, adultos e crianças (Rosemberg, 1985). À personagem feminina negra se lhe reservava o reino da cozinha: a cozinheira de lábios e peitos avantajados, com o eterno avental, tratada "carinhosamente"

por Monteiro Lobato na figura da Tia Anastácia. Quando menina, praticamente inexistente (Negrão & Pinto, 1990).

No transcorrer da década de 80, alguma mudança é observada através do surgimento de protagonistas negros na literatura infanto-juvenil brasileira (Negrão, 1988). Comparada à quase total ausência de protagonistas negros na produção anterior, essa constatação pode parecer prometedora. "Porém, cuidado! Mesmo de roupa nova, podemos encontrar na produção mais recente, ao lado da velha fórmula didática característica dos anos 50" (Negrão, p. 64), uma nova fórmula no movimento de aproximação entre literatura infanto-juvenil e literatura adulta: a sexualidade em livros de ficção para jovens, a quebra do antigo tabu, é introduzida pela personagem feminina negra, menina, jovem ou adulta, principalmente através de textos da autoria de escritoras brancas (Negrão & Amado, 1989; Piza, 1990).

Analisando em profundidade a obra de quatro escritoras contemporâneas de literatura infanto-juvenil brasileira - Odette de Barros Mott, Lucília J. de A. Prado, Giselda Laporta Nicolelis e Mirna Pinsky - Piza (1990) vem desvelando a existência de uma personagem feminina negra que se mostra sexualmente ativa, assumindo integralmente sua sexualidade, pela via da sensualidade ideologicamente atribuída à mulher negra.

Belamiza, personagem de *Rio de Contas* (Prado, 1976), "a mulata de formas dosadas, cor de jenipapo, mais de três anos curtindo viuvez, criatura fina, ancas de cântaro, calada como uma flor" (pp. 7-8), quando jovem, adolescente mesmo, fugiu com um artista de circo que passava por Rio das Contas, sua cidade natal na Bahia; mãe solteira, casa-se e quando viúva faz planos de voltar a Rio das Contas. Suas lembranças se mesclam ao desejo sexual. Durante o projeto de volta, sua filha, Marilim, agora uma bonita moça, apaixonou-se por um jovem descendente de alemães. Belamiza se recusa a aceitar o namoro da filha porque vê nele uma ameaça aos seus planos de voltar a Rio de Contas e porque não deseja para a filha um destino igual ao seu. Quando a filha planeja fugir com o namorado, Belamiza arma um plano para desfazer a fuga. Deixando a filha na casa de uma amiga na cidade, volta à fazenda e, no escuro, quando o namorado da filha chama à janela, Belamiza toma-lhe o lugar.

E, de repente, sente dois braços a envolvê-la, um corpo colado ao seu, músculos poderosos, a boca que sussurra-lhe ao ouvido: 'Marilim, Marilim'. Ela, sem fala, sem forças, no pasmo do imprevisto, sente duas mãos que a acarinhavam, os olhos numa ausência enquanto o espírito sobe ao céu, funde-se, desejável e desejante, já sem controle para reagir: 'Marilim, Marilim, por que demorou tanto.' Agora que a vida fluirá dele para ela, uma chama de paz, Belamiza transfigurada, sem ver o ressurgir da Lua, ouvindo sim, um repicar de sinos, não mais Belamiza de Rio de Contas, mas apenas mulher, (p. 63-64)

Uma outra escritora, Giselda Laporta Nicolelis, cria personagens mulheres negras com este mesmo componente. Em *O Sol da Liberdade* (Nicolelis, 1987b), seu romance histórico

sobre a revolta dos malês, a presença da personagem feminina negra é marcante, destacada desde o início e reforçada na escolha de Elisângela, bisneta de Carlão, como a última descendente de Ajahi, mulher negra que busca compreender a história de sua gente e a história política do país.

Embora deva-se considerar o contexto sócio-histórico em que se desenvolve a história das várias gerações, é marcante a presença da mulher negra como alguém que dispõe de seu corpo e, por vezes, de seu destino pessoal com maior liberdade do que a mulher branca. Há, como exemplos: três passagens que ligam a personagem feminina negra ao aborto; uso do corpo como objeto de lucro para o branco; opções pela maternidade e pelas relações sexuais antes do casamento. Porém, é *Nos Limites do Sonho* (Nicolelis, 1987a), através de Laura, que a sexualização assume sua perspectiva mais intensa.

Quem é Laura? Através dos olhares de diferentes personagens e da fala do narrador Laura é "a rameira mais conhecida da cidade" (Marta); "negra ladina nas artes da cozinha e do amor" (narrador); "gigante de mulher, tanajura rainha, peitos rijos" (Dr. Roque). Esta apresentação de Laura é seguida de uma exposição de suas qualidades sexuais e culinárias que vai crescendo em sensualidade até alcançar o paroxismo nas palavras de Roque:

(...) gozas com a mesma competência com que fazes teus banquetes, delícia dos juizes, dos doutores, dos coronéis. (...) Naufrago em luas ondas largas, profundas, ressurjo em teus abismos. E tu, tanajura rainha, me envolve com teus braços de sereia, noite escura cheia de murmúrios (...). Só existo em tua escuridão, o teu negrume, tuas ondas bravas (p. 35)

Estas obras fazem parte de títulos e coleções infanto-juvenis, muito embora algumas autoras deixem claro em seus depoimentos que são livros escritos para adultos que foram incorporados à sua produção juvenil pelas editoras.

A uma personagem feminina negra deslocada corresponde um "ensinamento" de sexualidade exacerbada, descontrolada, a anti-sexualidade esperada de mulheres brancas e a ser repudiada pelos homens. Esse "ensinamento" não se dá pela reprodução apenas do estereótipo, mas por reapresentá-lo em função de outros elementos do processo de produção literária. "A escolha da personagem feminina negra na obra das autoras analisadas, vem ocorrendo em momentos bem definidos, anteriores ou posteriores às mudanças (ou desejo de mudança) na trajetória literária" (Piza, 1990, p. 129). A personagem feminina negra sinaliza simbolicamente a construção de uma identidade de escritora. Para escapar ao estigma de "escritora menor", que escreve apenas para jovens e crianças, fora dos moldes de uma crítica que reivindica um molde "literário" para os textos juvenis, um novo estereótipo deve ser eleito para satisfazer a nova mulher que nasce junto com o novo personagem.

Terminando

No plano da cognição social, destacamos o complexo e, por vezes, contraditório movimento de produção de estereótipos dinâmicos em sociedade cujas relações se constroem em torno de hierarquias de gênero, idade e raça. A superação de um modelo de mulher branca tradicional (a nova personagem "feminista") se apoia na manutenção de um modelo tradicional de criança (o eterno aprendiz de viver); a superação de um modelo de infância/adolescência tradicional (a sexualidade introduzida na literatura infanto-juvenil brasileira a partir da personagem feminina negra) se apoia em modelos tradicionais de mulher negra (sexualidade descontrolada). Não se trata, porém, de refletir papéis atribuídos a mulheres na literatura adulta. Refletir, que significado recebe neste contexto? Transmitir uma imagem. Do ponto de vista da criação e da produção, o criar e o produzir livros infanto-juvenis não constituem reflexo, mas sim uma ação. Quando se cria ou se produz livros infanto-juvenis nos relacionamos, no concreto, enquanto adultos, com crianças concretas. Estamos agindo da mesma forma com que agem outros adultos: o médico, o terapeuta, o professor, o padre, os pais, etc. Não estamos refletindo imagens de relacionamento; estamos nos relacionando através de um objeto interposto: o livro. Criar um texto, criar uma imagem não é refletir. É agir. E atuar no concreto. E executar uma ação. O escritor, através desta sua ação, que se utiliza de símbolos, está concretizando uma forma, dentre as muitas possíveis, de se relacionar com crianças. E assim que o criador de literatura infanto-juvenil propõe, através de seu ofício, uma forma de relacionamento com a criança. Mais que isso, talvez, uma interação especial. Através da criança o adulto também se constrói. Através da literatura infanto-juvenil o(a) autor(a) vai, também, se constituindo como sujeito social e psicológico. Através da criança (real ou representada) a mulher (representada ou real) também se constrói. Através da literatura infanto-juvenil mulheres se tornam escritoras; através da criação de personagens femininas negras sexuadas, mulheres brancas recriam uma identidade (individual e coletiva) de "escritora de literatura infanto-juvenil".

Da mesma forma que a teoria feminista, a crítica literária feminista, ao ignorar as hierarquias de idade, perde consistência teórica. Fruto, talvez, da perspectiva literária que informa os estudos sobre a literatura produzida por mulheres, a qual só considera a literatura em sua dimensão artística e adulta, não conferindo à literatura produzida para crianças e jovens nenhum outro *status* além de instrumento paradidático. Ou, também, porque a perspectiva feminista, à qual devemos as primeiras tentativas recentes de compreender as relações das mulheres com a literatura, dedicou-se a estudar estas relações em universo dominado pelos homens, tendo ignorado as relações estreitas entre mulher, universo privado e educação de crianças. A crítica literária feminista parece, então, incorporar as mulheres ao padrão masculino idealizado de produção artística, desvinculado das relações entre adultos e crianças.

Referências

- Ariès, P. (1960). *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Plon.
- Barros Jr., F. (1967). *Três escoteiros em férias no Rio Aquidauana*. (II. Oswaldo Storni, 2ª ed.). São Paulo: Melhoramentos.
- Chariot, B. (1983). *A mistificação pedagógica*. São Paulo: Zahar.
- Donato, H. (1967). *Vital Brasil (o vencedor das serpentes)*. (11. Oswaldo Storni). São Paulo: Melhoramentos.
- Donato, H. (1971). *A vida de Galileu, o devassador do infinito*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Edições de Ouro.
- Dupré, Sra L. (1956). *A mina de ouro*. São Paulo: Saraiva.
- Essed, P. (1991). *Understanding everyday racism*. London: Sage.
- Gilligan, C (1992). *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Hicks, E. (1981). Cultural marxism: nonsynchronic and feminist practice. Em L. Sargent (Org.), *Women and revolution: A discussion of the unhappy marriage of marxism and feminism* (pp. 219-237). Boston: South End Press.
- Khêde, S.S. (1986). *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática.
- Machado, A.M. (1985). *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- McClelland, D. (1961). *The achieving society*. New York: Free Press.
- Mott, O.B. (1976) *Aventuras do escoteiro Bila*. São Paulo: Brasiliense.
- Mott, O.B. (1988). *Nosso clube*. São Paulo: Atual.
- Negrão, E. (1988). *História e histórias da literatura infantil brasileira*. Manuscrito não publicado.
- Negrão, E. & Amado, T. (1989). *A imagem da mulher no livro didático: estado da arte*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. [Textos FCC nº 2].
- Negrão, E. & Pinto, R.P. (1990). *De olho no preconceito*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. [Textos FCC nº 5].
- Nicoletis, G.L. (1987a). *Nos limites do sonho*. São Paulo: Atual.
- Nicoletis, G.L. (1987b). *O sol da liberdade*. São Paulo: Atual.
- Nunes, L.B. (1979). *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Nunes, L.B. (1980). *O sofá estampado*. (II. Elvira Vigna). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Nunes, L.B. (1981). *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir.
- Pinsky, M. (1980a). *Iniciação*. São Paulo: Editora Comunicação.
- Pinsky, M. (1980b). *As muitas mães de Ariel*. São Paulo: Melhoramentos.
- Piza, E. (1990). *Da cozinha para o mundo: uma nova personagem feminina negra na literatura juvenil*. Manuscrito não publicado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo.
- Piza, E. (1995). Da cor do pecado. *Estudos Feministas*, 3 (1), 52-64.

- Prado, L.J. de A. (1976). *Rio de contos*. São Paulo: Martins.
- Rosemberg, F. (1985). *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global
- Rubin, G. (1991). *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. [mimeo -Tradução Edith Piza]. São Paulo: PUC-SP.
- Sandroni, L. (1987). *De Lobato a Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir.
- Stolcke, V. (1991). Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-asiáticos*, 20, p. 101-120.
- Soriano, M. (1975). *Guide de littérature pour la jeunesse*. Paris: Flammarion.
- Veríssimo, E. (1975). *As aventuras do avião vermelho*. Porto Alegre: Globo.
- Zilberman, R. (1981). *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global.
- Zilberman, R. & Lajolo, A.M.R. (1987) *Um Brasil para crianças*. São Paulo: Global.

Recebido em 25.04.1995
Primeira decisão editorial em 04.07.1995
Versão final em 17.11.995
Aceito em 05.01.1996 ■